

Praxe Académica: meio de integração ou ações de humilhação?

Suzana Caldeira
Oswaldo Silva
Maria Mendes
Susana Botelho

Resumo

Esta investigação incidiu sobre o modo como estudantes de uma instituição portuguesa de ensino superior percebem a praxe académica e situações de *bullying* na praxe. Os dados foram recolhidos através da escala de “Avaliação das situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior”, organizada em três fatores: Relação Positiva com a Praxe, Relação Negativa com a Praxe e Dimensão Social (Matos, Jesus, Simões & Nave, 2010). Participaram no estudo 247 estudantes de ambos os sexos, entre os 18 e os 43 anos, de diferentes anos, cursos e departamentos. Os resultados indicaram diferenças significativas a nível da Relação Positiva com a Praxe entre o género (masculino e o feminino; $p=0.001 < \alpha=0.05$) e entre faixas etárias (“20 ou menos anos” e com “mais de 20 anos”; $p=0.024 < \alpha=0.05$). Permitiram, também, observar diferenças significativas entre os anos dos cursos (1º, 2º ou 3º ano) a nível da Relação Positiva com a Praxe ($p=0.04 < \alpha=0.05$) e da Dimensão Social ($p=0.017 < \alpha=0.05$). Finalmente indicaram diferenças significativas entre os departamentos de pertença dos alunos no que concerne à Relação Positiva com a Praxe ($p=0.02 < \alpha=0.05$) e à Relação Negativa com a Praxe ($p=0.02 < \alpha=0.05$). As correlações obtidas entre os três apresentaram-se estatisticamente significativas, considerando nível de significância de 1% (respetivamente, $p=0.02$; $p=0.00$ e $p=0.00$).

Palavras-chave: *bullying*; ensino superior; praxe académica

Abstract

This research focuses on how students from a Portuguese higher education institution perceive hazing practices and bullying situations in hazing practices. Data were collected through the scale “Avaliação das Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior” (Evaluation of Situations of Bullying in Hazing Practices in Higher Education), organized in three dimensions: Positive Relation with the Hazing Practices; Negative Relation with the Hazing Practices and Social Dimension (Matos, Jesus, Simões & Nave, 2010). 247 students of both sexes, aged 18 to 43 years old and from different grade levels, courses and departments have taken part in this study. The results confirm significant differences in Positive Relation with the Hazing Practices between males and females ($p=0.001 < \alpha=0.05$) and among age groups (“20 years old or less” and “more than 20 years old”; $p=0.024 < \alpha=0.05$). Furthermore, they allow us to observe significant differences between the students’ grade levels (1st, 2nd or 3rd year) taking into account the Positive Relation with the Hazing Practices ($p=0.04 < \alpha=0.05$) and the Social Dimension ($p=0.017 < \alpha=0.05$). Besides, significant differences have been noted between the departments where students belong regarding Positive Relation with the Hazing Practices ($p=0.02 < \alpha=0.05$) and Negative Relation with the Hazing Practices ($p=0.02 < \alpha=0.05$). The correlations between the three subscales (Positive Relation with the Hazing Practices, Negative Relation with the Hazing Practices and Social Dimension) are statistically significant, taking in consideration the significance levels of 1% (respectively $p=0.02$; $p=0.00$ and $p=0.00$).

Keywords: *bullying*; higher education; hazing practices

Introdução

As praxes académicas têm vindo a ganhar a atenção dos investigadores, notando-se que, por vezes, tendem a ser descritas como ações ou situações, que ocorrem num grupo onde prevalece o exercício do poder e do controlo dos membros mais velhos sobre os recém-chegados, no período de iniciação desses novos membros (Mikell, 2014). Estas relações hierárquicas e sociais são formalmente regulamentadas e no conjunto das determinações a elas respeitantes estão previstas sanções para os atores que ensaiem a transgressão (Dias & Sá, 2013). Para alguns autores esse conjunto de normas, que rege e define, entre outros aspetos, os direitos e deveres dos estudantes iniciantes e experientes, é complacente com situações de abuso, gerando condições para ativar a predisposição das pessoas para a violência ou para a libertação imprópria de frustrações reprimidas (Mikell, 2014). Por exemplo, quando o conceito de praxe é definido como um termo amplo que abrange múltiplas atividades, situações e ações que uma pessoa deve tolerar a fim de fazer parte de um grupo (McGlone & Schaefer, 2008), abre a possibilidade de as mesmas solicitarem uma atitude de subordinação para efeito de inclusão no grupo, mesmo que possam comportar desconforto, constrangimento, humilhação ou mesmo assédio.

Algumas investigações internacionais onde se encontra este tipo de evidência reportam-se, por exemplo, ao trabalho de Nirh (2014), nos E.U.A, onde está traduzida a ideia de que durante a realização da praxe há atividades, como executar recados ou realizar outras tarefas solicitadas por estudantes praxistas que, embora indiquem exercício unilateral de poder, não prejudicam o aluno recém-chegado; mas também existem atividades ultrajantes e violentas, como forçar ao consumo de bebidas alcoólicas ou outras substâncias tóxicas, sujeitar o caloiro a agressões, a atos sexuais simulados ou reais. Na investigação de Knutson, Akers, Ellis e Bradley (2011), também nos E.U.A., afirma-se que as praxes incluem ridicularizar verbalmente os estudantes, forçá-los ao consumo de bebidas alcoólicas, submetê-los a atividades humilhantes e a outros comportamentos que podem, até, fazer perigar a vida deles.

Em Dias e Sá (2013), numa investigação com estudantes portugueses, encontra-se que cerca de um terço dos inquiridos indicou o medo da praxe como o elemento mais nefasto da entrada no Ensino Superior. Também em Silva (2013), igualmente com estudantes portugueses, se observa a existência de estudantes que apontam a praxe como contendo situações humilhantes, com caráter obrigatório e que se prolongam no tempo.

A afronta, a humilhação e a violência a que os recém-entrados podem ser expostos, por vezes, são tomados como excessos pontuais dos “doutores”, quando o comportamento destes, incentivado pressão social do grupo que praxe e estimulado pelo medo de represálias e

isolamento sentido pelo caloiro que é praxado, ultrapassa as regras de conduta do código da praxe (Klerk 2013; Silva, 2013; Vieira, 2013).

Contudo, existem autores que afirmam não se poder tratar a praxe como mero excesso de um ritual de iniciação divertido, uma vez que ao longo do tempo têm persistido comportamentos de violência e humilhação (Camilo, 2010) com indução ao silêncio, solidão e medo no interior da universidade (Akerman, Conchão & Boaretto, 2014). Alguns declaram mesmo poder tratar-se de uma forma de praticar *bullying* em que “a vítima muitas vezes se subordina para não ficar à margem do grupo” (Miranda, Oliveira, Barreto, Ferriani, Santos & Neto, 2012, p.115). Em presença da situação confrontativa marcada pela desigualdade de poderes, os alunos desenvolvem sentimentos de impotência (Cooper, Walker, Askew, Robinson & McNair, 2011) com efeitos danosos em termos de “baixa auto-estima, baixo rendimento, evasão escolar, stresse, ansiedade e agressividade” (Silva, & Morgado, 2011, p.3). Goulart (2013) alinha com esta perspetiva, referindo que *bullying* no ensino superior, para além das consequências já apontadas, pode conduzir o estudante ao seu desligamento do curso.

Mas as praxes académicas não surgem na literatura científica apenas com esta incidência negativa, assente em relações de poder, desigualdade e coerção. Há uma visão alternativa que as caracteriza como um meio para acolhimento e suporte social aos estudantes caloiros, visando o estabelecimento de novas dinâmicas relacionais e a promoção do sentimento de pertença na transição do ensino secundário para o superior (Dias & Sá, 2013; Vieira, 2013). A praxe ou o “conjunto de costumes e tradições geradas entre estudantes do ensino superior, que se constitui como essência de uma vida muito própria, especial e diferente” (Loureiro, Frederico-Ferreira, Ventura, Cardoso & Bettencourt, 2009, p. 89), tende, assim, a ser considerado como um fenómeno cultural que tem como missão, entre outros aspetos, a integração dos estudantes recém-chegados no meio académico (Dias & Sá, 2013).

Alguma evidência empírica sobre esta vertente integradora é trazida por um estudo realizado em Portugal (Pimentel, Mata, & Pereira, 2012), com 273 estudantes do ensino superior, com idade em torno dos 20 anos, onde cerca de dois terços dos respondentes concorda com a ideia de que a praxe ajuda os novos estudantes a conhecerem e relacionarem-se com os colegas e a instituição de ensino através de atividades divertidas e num clima animado. Não obstante esta demonstração de simpatia pela praxe, mais de um terço dos respondentes ainda parece distanciar-se dessa posição ao afirmar que o acolhimento e integração dos recém-chegados se poderiam processar de forma distinta da praticada. Num outro estudo, realizado por Dias e Sá (2013), com alunos portugueses a iniciar os cursos de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, obteve-se que quase metade (47%) dos

entrevistados considerou a praxe favorecedora da ampliação e aprofundamento das redes de apoio social, nomeadamente entre pares, e da integração no meio académico.

Por sua vez um estudo realizado no Brasil, por Costa, Dias, Dias, Souza e Canela (2013), junto de alunos do primeiro ano do ensino superior, com o objetivo de identificar a opinião dos caloiros sobre a praxe académica, indica que os rituais de receção são tendencialmente vistos como atrativos, em detrimento da visão repulsiva e intimidatória. Neste estudo participaram 202 estudantes (80,8% dos alunos da instituição) a entrar pela primeira vez na universidade, com idade entre os 17 e os 37 anos (média=20.13). No total dos inquiridos, 77.5% afirmou não ver a praxe académica como forma de violência, havendo 67,8% que revelou ter aderido voluntariamente a esse conjunto de iniciativas, ao ingressar na universidade. Foi o sexo feminino a mais expressar a associação da praxe a uma forma de violência. A associação entre praxe e violência surgiu ainda entre alunos iniciantes que afirmaram não conhecer ninguém ou não ter amigos naquela universidade e entre os estudantes a entrar na universidade com idade mais avançada (igual ou superior a 21 anos). Por fim, numa comparação entre cursos, foram os estudantes de medicina que se situaram mais nesta perspetiva.

Num estudo efetuado por Mascarenhas Matos, Jesus e Galdino (n.d.), com estudantes portugueses e brasileiros também se pode inferir a ideia de que a praxe propende a ser vista como mais integradora do que ameaçadora, embora a fronteira seja ténue, pois cerca de 40% dos inquiridos afirmou apresentar uma relação negativa com as praxes. Este estudo revelou ainda diferenças significativas entre sexos na relação positiva com a praxe, a favor dos rapazes, e diferenças significativas entre os anos dos cursos, a favor dos estudantes em anos mais avançados. Acresce que diversas instituições de ensino superior que têm vindo a aderir e a fomentar o conceito de “praxe solidária”, materializado na promoção de iniciativas na área da saúde (doação de sangue), do desporto, do lazer (campeonatos, jogos), da cultura (teatro, música), da educação (doação de livros), do meio ambiente (cultivo de plantas, reciclagem) e do apoio social (doação de roupas, alimentos, brinquedos) com o intuito de promover formas alternativas de integração dos novos estudantes e favorecer o seu bem-estar (Mascarenhas, *et al.* (n.d.).

Tendo em conta a controvérsia ainda existente em torno deste tópico no seio da comunidade estudantil, como mostra alguma investigação antes mobilizada, o presente estudo visou contribuir para a discussão do tema dando a conhecer o modo como os estudantes de uma instituição de ensino superior portuguesa – a Universidade dos Açores – percebem a praxe académica. Pretende-se perceber se os estudantes adotam a perspetiva da praxe como

forma de acolhimento e integração na nova instituição e no tipo de ensino ou se a veem como uma dificuldade ativadora de sentimentos de apreensão, ansiedade e humilhação.

Método

Participaram na investigação 247 estudantes do 1º Ciclo de Estudos da Universidade dos Açores, em São Miguel, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 43 anos (média =21.66), de diferentes anos, cursos e departamentos. Trata-se de uma amostra representativa da população estudantil da instituição – Campus de Ponta Delgada, tendo sido obtida pelo método de amostragem por quotas (não probabilístico) considerando as variáveis (sexo e departamento).

As variáveis sociodemográficas consideradas foram: sexo (masculino, feminino); faixa etária (codificada em duas categorias: com 20 ou menos anos e com mais de 20 anos); departamento da universidade a que o curso do aluno está associado⁵ (codificado em nove categorias); e ano do curso que o estudante frequenta (1º ano, 2ºano e 3ºano).

O instrumento utilizado para a recolha de dados foi a “Escala de Avaliação das Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior” de Matos, Jesus, Simões e Nave (2010), que possibilita avaliar situações de *bullying* nos contextos de praxes em estabelecimento educacional universitário. Trata-se de um instrumento constituído por 15 itens de autorresposta, numa escala de *Likert*, de 1-“discordo totalmente” a 5-“concordo totalmente”, em que os itens 8,11,12,14 e 15 são de leitura invertida. Este instrumento foi aplicado e validado em Portugal (n=210), e possui uma estrutura fatorial com três fatores, tendo uma variância explicada de 63,19%, um KMO de 0,905 e uma consistência interna de *Alpha de Cronbach* de 0,904. O primeiro fator, denominado “relação positiva com as praxes” é composto por seis itens (3,5,6,7,9,10), o segundo fator, denominado “relação negativa com as praxes”, tem seis itens (8,11,12,13,14,15), e o terceiro fator, designado por “dimensão social” tem três itens (1,2,4), conforme se apresenta no Quadro 1 (Matos, et al., 2010).

Quadro 1 – “Escala de Avaliação das Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior” – distribuição dos itens por fator

Factor	Item	
I Relação positiva com as praxes	3	Fico satisfeito(a) quando sou praxado (a)
	5	Acredito que as praxes contribuem para a minha integração na universidade
	6	Os que me praxaram gostaram de mim
	7	Gosto de ser praxado(a)
	9	Gosto de participar nas praxes

5 Departamento: Biologia, Ciências da Educação, Ciências Tecnológicas e Desenvolvimento, Economia e Gestão, Geociências, História, Filosofia e Ciências Sociais, Línguas e Literaturas Modernas, Matemática e Escola de Enfermagem de Ponta Delgada.

	10	Respeitaram a minha vontade de ser ou não praxado(a)
II Relação negativa com as praxes	8	Estou desejoso (a) que acabem as praxes
	11	As praxes continham alguma violência
	12	Fui agredido(a) por atos ou palavras
	13	Consegui lidar bem com as praxes
	14	Fiquei revoltado (a)
	15	Fui prejudicado (a) na minha autoestima
III Dimensão social	1	Há regras para quem faz as praxes
	2	Consigo falar sobre as praxes sempre que acho necessário
	4	Posso contar com a minha família quando preciso

O mesmo instrumento foi posteriormente aplicado no Brasil (n=206), tendo as suas características psicométricas sido replicadas (α de Cronbach = 0,707; análise fatorial da escala apresentou um KMO de 0,711) permitindo a conclusão de que a escala é válida para avaliar a relação dos estudantes do Ensino Superior com as praxes (Mascarenhas *et al.*, n.d.).

Em termos de procedimento, a recolha de dados foi realizada em sala de aula, em Abril de 2014, e o tratamento de dados passou pelo apuramento da proporção de acordo/desacordo nos itens da escala. Para se estudar o papel das variáveis sociodemográficas, foi previamente aplicado o teste de aderência de Kolmogorov-Smirnov para testar a normalidade das variáveis em estudo na população. Observando-se que aquelas não seguiam uma distribuição normal, na aplicação da estatística indutiva teve de se optar pela utilização de testes não paramétricos. Foram utilizadas técnicas estatísticas com o intuito de verificar se existiam diferenças significativas entre grupos. No caso das variáveis sociodemográficas em escala nominal e codificadas em duas categorias (sexo e faixa etária) foi aplicado o teste U de Mann-Whitney (teste não paramétrico para o caso de duas amostras independentes); no caso das variáveis sociodemográficas em escala nominal e subdivididas em mais de duas categorias (departamento e ano do curso) foi aplicado o teste de Kruskal-Wallis (teste não paramétrico para o caso de k amostras independentes). Foi, ainda, utilizado o coeficiente de correlação de Spearman entre os itens em escala ordinal, ou seja, referentes à “Avaliação das situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior”, averiguando-se também a significância dessa correlação para a população.

Resultados

Como mencionado, o presente trabalho visou conhecer o modo como estudantes da Universidade dos Açores – Campus de Ponta Delgada percebem a praxe académica, se o enfoque é positivo, acentuando o acolhimento e a integração, ou se o pendor é negativo, salientando a agressão e mal-estar.

A análise da proporção de acordos/desacordos nos itens da escala “Avaliação das situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior” informa que os estudantes não têm uma posição vincada quanto a considerarem a praxe como uma forma de acolhimento, embora se

tenha registado uma ligeira prevalência dos que discordam (37.7%) sobre os que concordam (30.4%) da ideia de que as atividades praticadas pelos praxistas aos caloiros contribuam para a integração destes (24.7% não concorda nem discorda; 7.3% não respondeu). Em termos de adesão, pouco mais de um terço dos inquiridos (35.6%) diz ter participado nas praxes, tendo-se registado ligeira supremacia dos estudantes que declararam não ter gostado atividades praticadas (38.7%) sobre aqueles que afirmaram gostar (32.4%) e sobre os que manifestaram indiferença (28.8%) (10.3% não se pronunciou sobre este tópico). A maioria dos estudantes afirmou não ver a praxe académica como uma forma de violência (92.8%) e numa análise intragrupo observou-se que esta opinião foi tendencialmente mais marcada entre os rapazes (95.2%) do que entre as raparigas (91.4%). Finalmente, as expressões de agrado pela participação na praxe provieram essencialmente dos estudantes do 1.º ano (41.1%), seguidos pelos do 2.º (39.2%), encontrando-se os do 3.º mais distanciados destes (19.7%).

No sentido de aprofundar a compreensão do impacto da praxe na vivência académica realizou-se também o estudo dos fatores “*Relação positiva com a praxe*”, “*Relação negativa com a praxe*” e “*Dimensão Social*” em função das características sociodemográficas dos estudantes. Observou-se que a “*Relação positiva com a praxe*” obteve diferenças estatisticamente significativas considerando os grupos definidos pelas variáveis sexo ($p=0.001$), faixa etária ($p=0.024$), departamento ($p=0.002$) e ano do curso frequentado pelos estudantes ($p=0.040$), a favor dos rapazes, dos estudantes mais novos, dos estudantes do departamento de Biologia (curso de medicina) e da Escola de Enfermagem, e dos alunos de 1.º ano. No caso da “*Relação negativa com a praxe*” só se registaram diferenças significativas no que concerne ao departamento ($p=0.020$) ao qual o estudante está alocado, nomeadamente os departamentos de Economia e Gestão e o de História, Filosofia e Ciências Sociais. Por fim, a “*Dimensão Social*” só revelou diferenças significativas tendo em atenção o ano do curso frequentado pelos estudantes ($p=0.017$), observando-se a saliência do 1.º ano (39.6%), seguido do 2.º ano (34.0%) e do 3.º ano (26.4%).

Por fim, em cada um dos fatores em que se verificaram diferenças significativas tendo em consideração as variáveis sociodemográficas, tentou-se perceber se algum item foi pontuado de forma destacada. No caso dos itens do fator “*Relação positiva com a praxe*” (itens: 3, 5, 6, 7, 9 e 10) a variável sexo não se evidenciou como diferencial; as diferenças ocorrem de forma significativa ao nível da faixa etária no caso dos itens 5 ($p=0.000$), 6 ($p=0.09$), 7 ($p=0.038$), 9 ($p=0.007$) e 10 ($p=0.021$) a favor dos estudantes mais novos. Isto é, foram os estudantes até aos 20 anos que mais disseram acreditar no papel facilitador das praxes para a sua integração na vida académica, que manifestaram sentir-se acarinhados e respeitados pelos estudantes

praxistas, assim como revelaram gosto em ser praxados e em participar nessa atividade. É de referir, ainda, que ocorreram diferenças significativas entre alguns departamentos no caso dos itens 3 ($p=0.041$), 5 ($p=0.014$), 6 ($p=0.009$), $p=0.017$); e entre o ano frequentado a nível dos itens 6 ($p=0.027$) e 10 ($p=0.003$), sempre a favor dos estudantes da área da Saúde (medicina e enfermagem). No caso dos itens da “*Relação negativa com a praxe*” (itens: 8, 11, 12, 13, 14 e 15), ocorreram diferenças significativas entre departamentos nos itens 8 ($p=0.003$) e 12 ($p=0.028$) a favor da Escola de Enfermagem e do Departamento de Línguas e Literatura Modernas. No caso dos itens da “*Dimensão social*” (itens: 1, 2, 4) verificou-se a ocorrência de diferenças significativas no item 4 ($p=0.002$) entre os anos do 1º ciclo, tendo registado o valor mais elevado no 3º ano (92.5%) e o valor mais baixo no 2º ano (82.3%), o que pode sugerir que é à entrada e à saída da universidade que os estudantes percecionam mais fortemente o suporte da família.

Discussão

Os presentes resultados não coincidem com os de outras investigações realizadas com estudantes portugueses do ensino superior, nomeadamente quanto à ênfase dada ao papel integrador da praxe, o qual foi tendencialmente mais expressivo em investigações anteriores (Mascarenhas *et al.*, n.d.; Pimentel *et al.*, 2012). Também em investigações anteriores se observou maior concordância com a praxe em alunos de anos mais avançados (Mascarenhas *et al.*, n.d.), enquanto no presente caso essa posição foi adotada principalmente pelos recém-chegados. Já se registou maior sintonia com estudos anteriores no respeitante à variável género, pois em ambos os casos, globalmente, foram os rapazes que propenderam a concordar e a aderir mais à praxe (Mascarenhas *et al.*, n.d.). Do mesmo modo, a perceção da praxe como não ameaçadora ou violenta também foi um elemento comum entre este estudo e trabalhos anteriores (Mascarenhas *et al.*, n.d.; Pimentel *et al.*, 2012). Por fim, enquanto na Universidade dos Açores foram os estudantes da área da Saúde (sobretudo medicina) que evidenciaram melhor relação com praxe, num levantamento efetuado no Brasil (Costa *et al.*, 2013) foram os estudantes de medicina que descreveram a praxe enquanto fenómeno intimidatório.

Importa reforçar a ideia de que o instrumento utilizado é útil para medir a agressão e o *bullying* nas praxes do ensino superior, uma vez que o coeficiente de correlação de Spearman, utilizado para medir a intensidade das relações envolvidas entre os fatores, informa que as correlações obtidas são significativas ($\alpha=0.01$) mas relativamente fracas (relação positiva versus relação negativa, $r_s=0.213$ e $p=0.002$; relação positiva versus dimensão social, $r_s=0.344$ e $p=0.000$; relação negativa versus dimensão social, $r_s=0.249$ e $p=0.000$). A baixa intensidade da correlação assegura que os itens que constituem os fatores, embora versem sobre uma ideia

comum, reportam-se a aspetos relativamente independentes, permitindo, assim, captar uma variedade de facetas sobre eventuais constrangimentos percecionados pelos estudantes na universidade.

Em face destes resultados, e em síntese, poder-se-á pensar que os estudantes da Universidade dos Açores percecionam a praxe como um acontecimento relativamente cordato, embora não configure elevada atratividade. Com efeito, os presentes resultados parecem indiciar que os estudantes na Universidade dos Açores atribuem pouca importância à praxe, nomeadamente na ótica da facilitação da transição e adaptação ao ensino superior e tendem a manifestar fraca adesão às atividades propostas. Apesar de a opinião prevalecente ser a de que se trata de ações não violentas nem coercivas, a sua atratividade é reduzida. Eventualmente, formas alternativas de integração dos novos estudantes, que passem pela adoção de algumas práticas no âmbito da “praxe solidária”, poderão aumentar a simpatia e a adesão dos alunos a este tipo de iniciativa.

Bibliografia

Akerman, M., Conchão, S., & Boaretto, R. (Orgs.) (2014). *“Bulindo” com a universidade – um estudo sobre o trote na medicina*. Porto Alegre: Editora Rede Unida. Disponível em: http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/bulindo-com-a-universidade-um-estudo-sobre-o-trote-na-medicina-pdf/at_download/file

Página | 110

Camilo, A. (2010). *Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do académico*. XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Pp 5002 – 5013. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4005.pdf>

Cooper, J., Walker, J., Askew, R., Robinson, J., & McNair, M. (2011). Students perceptions of bullying behaviours by nursing faculty. *Issues in Educational Research*, 21(1). Disponível em <http://www.iier.org.au/iier21/cooper.pdf>

Costa, S., Dias, O., Dias, A., Souza, T., & Canela, J. (2013). Trote universitário: diversão ou constrangimento entre os académicos de saúde?. *Revista Bioética*, 21 (2), pp. 250-258. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v21n2/a19v21n2.pdf>

Dias, D., & Sá, M. (2013). Rituais de transição no ensino superior português: A praxe enquanto processo de reconfiguração identitária. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*. Vol. 21, (n.º1) Ano 18º, ISSN: 1138-1663. Disponível em http://ruc.udc.es/bitstream/2183/12618/1/RGP_21_2013_art_2.pdf

Goulart, G. (2013). Bullying como fator de evasão universitária: percepção dos alunos de uma universidade federal da região centro-oeste. *Revista Gestão Universitária*, ed.316. Disponível em http://www.redemebbox.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27644:bullying-como-fator-de-evasao-universitaria-percepcao-dos-alunos-de-uma-universidade-federal-da-regiao-centro-oeste&catid=328:316&Itemid=21

Knutson, N., Akers, K., Ellis, C., & Bradley, K. (2011). *Applying the Rasch model to explore new college Sorority and fraternity members - Perceptions of hazing behavior*. Disponível em http://www.uky.edu/~kdbrad2/MWERA_Nikki.pdf

Klerk, V. (2013). Initiation, Hazing or Orientation? A case study at a south african university. *International Research in Education*, 1 (1), pp.86-100. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5296/ire.v1i1.4026>

Loureiro, C., Frederico-Ferreira, M., Ventura, M., Cardoso, E., & Bettencourt, J. (2009). A praxe académica na escola superior de enfermagem de Coimbra. *Educação/temas e problemas*, 8, pp. 89-97.

Mascarenhas, S., Matos, F., Jesus, S., & Galdino, Z. (n.d.). *Diagnóstico e avaliação das praxes ou trotes – Um estudo transcultural com universitários de Portugal e do Brasil*. Acedido em Abril 2014: <http://portal.metodista.br/metodista.br/ev/psicologia-da-saude/anais1/2011/comunicacaooral/co22/TEXTO%20INTEGRAL%20%20Escala%20Para%20Avaliacao%20Das%20Situacoes%20De%20Bullying%20Nos%20Trotes%20Do%20Ensino%20Superior%20Ap.pdf/view>

Matos, F., Jesus, S., Simões, H., & Nave, F. (2010). Escala para avaliação das situações de *bullying* nas praxes do ensino superior. *Psyc@w@re*, 3 (1). Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ipc/2007-2010/revista/c6944bceb08cb00930b00b6645171101.pdf>

McGlone, C., & Schaefer, G. (2008). After the haze: legal aspects of hazing. *Entertainment & sports law*; 6(1). Acedido em: http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/law/elj/eslj/issues/volume6/number1/mcglone_schaefer

Mikell, T. (2014). *Getting away with murder: hazing, hegemonic masculinity, and victimization*. Tese de mestrado em Arts in Criminology and Criminal Justice. Universidade da Carolina do Sul, USA. Disponível em: <http://scholarcommons.sc.edu/etd/2853>

Miranda, M., Oliveira, T., Barreto, P., Ferriani, M., Santos, M., & Neto, D. (2012). Conduta de académicos de uma universidade da região amazônica frente ao *bullying*. *Enfermagem em Foco*; 3(3) pp. 114-118

Nirh, J. (2014). *Explanations of college students for engaging in hazing*. Dissertação para o grau de Doutor em Filosofia com especialização em Ensino Superior, Universidade do Arizona, Arizona, USA.

Pimentel, M., Mata, M., & Pereira, F. (2012). Práticas iniciáticas de integração no ensino superior. Um ritual institucionalizado ou um processo de (des) integração? In *Atas do V Encontro do CIED-Escola e Comunidade*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa, pp. 393 – 401.

Silva, A. (2013). *Bullying no ensino superior: Caso da universidade do Minho- O contributo do marketing social*. Dissertação de Mestrado em Marketing e Gestão Estratégica. Universidade do Minho. Braga.

Silva, A., & Morgado, M. (2011). *Bullying no Ensino Superior: Existe?*. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Vol.11 (3). Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/1147/1357>

Vieira, P. (2013). *Vivências da praxe académica: percepção de integração e ansiedade na transição para o ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Universidade de Coimbra. Coimbra.

Notas sobre as autoras e o autor:

Suzana Caldeira

snc@uac.pt

Universidade dos Açores (PORTUGAL)

Oswaldo Silva

osilva@uac.pt

Universidade dos Açores (PORTUGAL)

Maria Mendes

macmendes1@hotmail.com

Universidade dos Açores (PORTUGAL)

Susana Botelho

susanapinhobotelho@hotmail.com

Universidade dos Açores (PORTUGAL)